

PIERRE VIDAL-NAQUET

# O mundo de Homero

*Tradução*

Jônatas Batista Neto

SBD-FFLCH-USP



259271



COMPANHIA DAS LETRAS

83

7261v1?

Copyright © 2000 by Librairie Académique Perrin

*Título original*

Le monde d'Homère

*Capa*

Ettore Bottini

*Foto da capa*

Vaso de Eufrônio (detalhe),  
The Metropolitan Museum of Art

*Preparação*

Eliane de Abreu Santoro

*Revisão*

Cláudia Cantarin

Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vidal-Naquet, Pierre, 1930-

O mundo de Homero / Pierre Vidal-Naquet ; tradução  
Jônatas Batista Neto. — São Paulo : Companhia das Letras,  
2002.

Título original: Le monde d'Homère.

ISBN 85-359-0205-8

1. Civilização homérica 2. Geografia antiga na literatura  
3. Grécia — Antiguidades 4. Homero — Conhecimento —  
Geografia 5. Homero — Habitações e abrigos — Grécia 6.  
Poesia épica grega — História e crítica I. Título.

01-6349

CDD-883.0109

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia grega épica clássica : História e crítica 883.0109
2. Poesia épica clássica grega : História e crítica 883.0109

[2002]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3167-0801

Fax (11) 3167-0814

www.companhiadasletras.com.br

*Para meus netos: Fabien e Marina, Élie e Juliette*

DEDALUS - Acervo - FFLCH-LE



21300138383

## Sumário

<i>Prefácio</i> .....	9
1. Pequena história de dois poemas. ....	13
2. A história e a geografia. ....	23
3. Gregos e troianos. ....	37
4. A guerra, a morte e a paz. ....	51
5. Cidade dos deuses, cidade dos homens. ....	63
6. Homens e mulheres, jovens e velhos. ....	77
7. O rei, o mendigo e o artesão. ....	93
8. Poesia. ....	109
9. As questões homéricas. ....	121
<i>Agradecimentos</i> . ....	131
<i>Crédito das ilustrações</i> .....	133
<i>Índice onomástico</i> . ....	135

## Prefácio

Quando era criança, em Paris, antes da Segunda Guerra, eu possuía uma antologia de lendas da guerra de Tróia e seus desdobramentos. O livro começava com a história do pastor Páris,\* que teve de escolher uma das três deusas — Hera, Atena (figura 16) e Afrodite — para conceder uma maçã na qual estava escrito: “À mais bela”. Hera lhe propôs poder e Atena, sabedoria, mas Afrodite ganhou o concurso oferecendo-lhe a jovem mais linda de todo o mundo: Helena de Esparta. Páris raptou Helena, o que provocou o deslocamento de um exército grego para Tróia, na margem asiática do estreito de Dardanelos. Dez anos depois, os gregos, escondidos num enorme cavalo de madeira (figura 29), conseguiram penetrar na cidade do rei Príamo e a incendiaram. Só um grupo de troianos conduzido por Enéias, filho

\* Os nomes próprios (antropônimos, topônimos e nomes de etnias) foram normalizados com base nos *Índices de nomes próprios gregos e latinos* de Maria Helena de Teves Costa Ureña Prieto et alii. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. (N. T.)

de Afrodite, conseguiu escapar e chegar à Itália, onde um descendente seu fundou a cidade de Roma. Os gregos, por sua vez, encontraram bastante dificuldade para voltar à sua terra. Um deles em particular, Ulisses (em grego Odysseus), errou durante dez anos pelo Mediterrâneo antes de reencontrar Ítaca, a ilha da qual era rei. Em Ítaca, Penélope, sua mulher, era disputada por uma série de “pretendentes”, jovens que dilapidavam o palácio de Ulisses enquanto esperavam pela resposta dela aos pedidos de casamento. A história da guerra de Tróia era contada (assim eu pensava) na *Iliada* de Homero, enquanto o retorno de Ulisses era o assunto da *Odisséia*, do mesmo poeta.

Eu estava certo quanto ao segundo ponto, mas, pouco depois desse primeiro contato com a história grega, minha avó paterna me presenteou com uma tradução francesa da *Iliada*. Inicialmente pensei que o livreiro que lhe havia vendido o livro a tivesse enganado. A narrativa começava com Tróia cercada havia já mais de nove anos e terminava sem nenhum cavalo de madeira e com a seguinte frase: “Assim foram os funerais de Heitor, domador de cavalos”. Heitor era o principal defensor de Tróia — isso eu já sabia — e fora morto por Aquiles, o mais valoroso dos guerreiros gregos.

Mais tarde aprendi a conhecer melhor a *Iliada* e a *Odisséia*, esses dois maravilhosos poemas de, respectivamente, 14 mil e 12 mil versos; passei a saboreá-los na tradução francesa bem como no texto original. Aprendi também tudo o que podia sobre a história do povo grego e sua literatura, que deu origem à literatura ocidental. Andrômaca, esposa do herói troiano Heitor, foi a inspiração para o título e a personagem principal de uma das tragédias mais célebres de Racine — ela figura também num dos mais belos poemas de Baudelaire. Nada disso teria sido possível sem a *Iliada*. Quanto à

*Odisséia*, fizemos do título desse poema um substantivo comum. Fala-se normalmente, por exemplo, da odisséia de um ciclista durante a sua corrida no Tour de France.

Meu desejo, com este livro, é tentar fazer com que leitores de todas as idades partilhem a alegria que essas duas epopéias me deram — e sempre me dão —, ao contar certos episódios, e naturalmente também tentar situá-los no seu contexto, tanto no espaço como no tempo. Terei atingido o meu objetivo se, após terem lido este volume, sentirem o desejo de mergulhar no texto integral, através de uma tradução ou, melhor ainda, na versão original.

Ver qual o termo para o busto  
Questionar a hipótese do cego

## 1. Pequena história de dois poemas

O busto de Homero nos é bastante familiar: um homem cabeludo, barbudo e cego. Mas não se trata de um retrato. Essa escultura, conservada no museu de Munique, na Baviera, data da época romana. É muito provável que ela tenha sido inspirada em um modelo do século v a. C., a época áurea da arte grega (figura 1). Existem histórias sobre a vida de Homero, mas elas são totalmente lendárias. Se ele era tido como cego é porque os antigos consideravam, talvez não sem razão, que a memória de um homem era mais extraordinária quando ele se encontrava desprovido de visão.

Sete cidades da Grécia asiática, mais precisamente da Jônia e da Eólida, situadas na área que hoje abrange a costa da Turquia e algumas ilhas gregas das proximidades, disputavam a honra de lhe terem dado nascimento: entre elas Esmirna, no continente, e a ilha de Quios, onde ainda hoje nos mostram a “pedra de Homero”, chamada também de “pedra

do mestre-escola”, um rochedo no qual foi talhado um assento de onde o poeta recitava seus versos para as crianças.

Já se sonhou bastante — e às vezes até se delirou — sobre o poeta cego. Existiu um Homero, dois Homeros e até, como alguns pensaram, uma multidão de Homeros? Na ilha de Quios havia os chamados homéridas, que se diziam descendentes de Homero e constituíam um grupo de *rapsodos* que cantavam os poemas de seu pretense antepassado.

Mas o que é um rapsodo? Vocês podem ver um deles num vaso ático do século v a. C. (figura 2). Ele estende o braço, segurando um bastão, num gesto oratório, e de sua boca escapam, tal como nas nossas histórias em quadrinhos, palavras ou versos de um poema épico. No século seguinte, o filósofo Platão põe em cena num dos seus diálogos seu mestre, o ateniense Sócrates (que foi condenado à morte em 399), dirigindo-se a um desses rapsodos, Íon de Êfeso (cidade da Jônia):

Confesso, Íon, que, por mais de uma vez, invejei a vossa arte e a dos demais rapsodos! Ela vos obriga a estarem sempre arrumados, mostrando-vos tão belos quanto possível; ao mesmo tempo, sois compelidos a viver na companhia de uma multidão de bons poetas, sobretudo na de Homero, o melhor e o mais divino de todos.

Íon vivia *na companhia* de Homero, outra maneira de dizer que ele sabia os poemas homéricos, a *Iliada* e a *Odisséia*, de cor. Aprendera esses poemas por meio da leitura ou, talvez, escutando-os serem recitados por outros.

Homero não era um rapsodo, era um *aedo*. Essa pala-

vra, que vem do grego *aoidós*, significa “cantor”. Os poemas homéricos eram compostos e cantados por aedos que se acompanhavam com um pequeno instrumento de cordas, a *phórminx*.

Em que época viveu Homero? Conforme a opinião geral, a *Iliada* e a *Odisséia* datam dos derradeiros anos do século ix a. C. ou já do século viii, sendo a *Iliada* anterior à *Odisséia* por alguns decênios. O século viii é um período muito importante na história do mundo grego e, aliás, do mundo mediterrâneo em geral (Roma, por exemplo, foi fundada em 753 a. C.). Trata-se de uma época na qual se consolidou, na Grécia europeia, insular e asiática, uma forma original de vida em sociedade: a pólis. Um grupo de homens livres diz “nós” ao falar em nome de todos. Os reis já não existem ou então têm apenas papel simbólico. As cidades são governadas não pelo povo, mas por homens (relativamente) ricos, possuidores de terras, que obtêm a renda dessas terras mas também, às vezes, entregam-se ao grande comércio marítimo.

Quando lemos a *Iliada* e a *Odisséia*, não podemos esquecer que esses poemas eram destinados a serem recitados para um auditório de homens ricos e poderosos, capazes de ir à guerra armados da cabeça aos pés: capacete, couraça, grevas, como se pode ver na armadura do século viii (figura 12), encontrada quase intacta numa tumba de Argos, ao norte do Peloponeso. As cidades, no século viii, eram capazes de tomar coletivamente decisões importantes como, por exemplo, enviar para além dos mares, para a Itália meridional e a Sicília, grupos de emigrantes com o objetivo de fundar colônias, isto é, cidades novas como Cumas, não longe de Nápoles, ou Siracusa, na Sicília.

Foi numa tumba de Ischia, ilha da baía de Nápoles, que se encontrou, em 1955, uma taça datável de aproximadamente 720 a. C. e que contém a primeira alusão escrita aos poemas homéricos. Trata-se de um “objeto falante” — é como se a própria taça se dirigisse a quem bebe:

Eu sou a taça de Nestor, a que é boa para beber. Aquele que daqui beber será imediatamente arrebatado pelo desejo que inspira Afrodite, a deusa da bela coroa.

Afrodite é a deusa do amor. Quanto a Nestor, um ancião, é um personagem importante da *Ilíada* e da *Odisséia*. Ele possui uma taça cuja descrição se encontra no canto XI da *Ilíada*. Essa inscrição está redigida em versos. Podemos assim estar certos de que os temas e mesmo as formas da poesia épica grega já existiam numa versão escrita no século VIII antes da era cristã.

Como, nesse contexto, situa-se Homero — ou, mais exatamente, os poetas que, sob esse nome, nos legaram a *Ilíada* e a *Odisséia*? Se vocês quiserem as obras de Homero, certamente irão a uma livraria. Se vocês escrevem versos, poderão confiá-los a um editor, que, por sua vez, os encaminhará a uma gráfica. No século VIII a. C. não havia nem livrarias, nem editores nem mesmo, evidentemente, gráficas. A imprensa apareceu de início na China e, depois, no Ocidente, no século XV, com Gutenberg. Foi em 1488 que, pela primeira vez, os poemas homéricos foram impressos, e isso se deu em Florença, na Itália.

Y E na época de Homero? Havia um vínculo efetivo entre a prática do canto poético e a escrita? O que dizem a es-

se respeito os próprios poemas? No canto VI da *Ilíada*, o herói Glauco, que combate ao lado dos troianos, conta ao herói aqueu Diomedes a história de seu antepassado Belerofonte, personagem bem conhecido da mitologia grega, especialmente por ter liquidado um ser monstruoso, a Quimera. Belerofonte fora enviado ao palácio de um rei da Lícia (na Ásia Menor) com uma mensagem que continha “sinais assassinos”. Diríamos hoje que se trata de uma carta escrita em linguagem cifrada pedindo ao destinatário para matar o mensageiro. Esse episódio é bastante revelador de uma concepção um tanto diabólica da escrita: seu propósito não é registrar poemas nem (como já ocorre desde o século VII) leis, mas sim carregar uma mensagem de morte. 

Tanto no início da *Ilíada* como no da *Odisséia*, o poeta se dirige a uma divindade, a Musa, que sabe tudo e tudo pode expressar: “Canta, ó deusa, a cólera de Aquiles, filho de Peleu...”; “É sobre o homem das mil astúcias [Ulisses] que tu, ó Musa, deves me dizer...”. As Musas, filhas da deusa Memória, são portanto as depositárias da poesia. Na *Ilíada*, o único herói capaz de cantar, acompanhando-se com uma cítara, é Aquiles, o herói por excelência, o “melhor dos aqueus”. Na *Odisséia*, ao contrário, os aedos se multiplicam. Há um entre os feaces, o povo navegador que conduzirá Ulisses a Ítaca. Há um no palácio de Ulisses, o qual é poupado quando o herói decide vingar-se dos pretendentes. O próprio Ulisses é um aedo que canta as suas viagens. Finalmente, entre os seres maléficos que ele encontra no caminho de Tróia à Feácia, há também as sereias, que não são seres híbridos de mulheres com peixes, mas sim de mulheres com pássaros (figura 33). Ulisses sabe que, se for enfeitado por elas, mor-

rerá. Seus companheiros vedaram os ouvidos; ele próprio foi amarrado ao mastro do navio. A poesia, tal como a escrita, é coisa perigosa.

O que cantam as sereias? A guerra de Tróia, com precisão:

Com efeito, nós sabemos tudo o que, na planície de Tróia,  
Argivos e troianos sofreram por ordem dos deuses.  
Sabemos tudo o que ocorreu naquela terra fecunda.

E os que se aproximam demais dessas mulheres-pássaros correm um perigo terrível:

Pois as sereias enfeitiçam-nos com um canto cristalino,  
Elas que estão pousadas num prado, enquanto amontoam-se  
[ao seu redor  
Ossos de corpos decompostos cujas carnes se desfazem.

A *Odisséia* contém, portanto, uma espécie de reflexão sobre a função do aedo, sobre a sua grandeza e os perigos que ele pode representar.

Os aedos eram capazes, com um intervalo de poucos anos, de reproduzir, quase sem variantes, as epopéias puramente orais. O mesmo fenômeno foi observado na África, na Oceânia e em outras sociedades como, por exemplo, no Curdistão. Dito isso, é difícil, por outro lado, ignorar o vínculo entre a fixação dos cantos épicos e o desenvolvimento da escrita alfabética fenícia adotada pelos gregos por volta de 900 a. C.

A grande questão é saber *quando* os textos foram fixa-

dos. Bem cedo, segundo alguns especialistas, enquanto para outros não antes de 560 a. C., quando Pisístrato, um “tirano” — isto é, governante não eleito de Atenas —, decidiu realizar uma edição oficial. São duas hipóteses opostas. O certo é que esses textos, entre o momento em que foram fixados e o ano de 1488, no qual foram impressos, variaram pouco. Tanto a *Iliada* como a *Odisséia* levam a marca de um autor “monumental”, que sabe o que vai dizer do começo ao fim. A divisão em cantos, com base no modelo das letras do alfabeto, de I a XXIV, é tardia; remonta à época alexandrina, provavelmente ao século III a. C.

Em que idioma foram redigidos? Numa língua parcialmente artificial que repousa sobre dois dialetos falados sobretudo na Ásia Menor (hoje a Turquia): o jônio e o eólio. Esses 26 mil versos têm uma forma chamada de hexâmetro dactílico. Cada verso é formado por seis medidas (*hex* significa “seis”, em grego, e *métron*, “medida”). Cada medida é composta por uma sílaba longa e duas sílabas breves (é o que se chama um dátilo) ou então por duas longas (nesse caso um espondeu). Não existe apenas um acento de intensidade, como em português, numa das três últimas sílabas da palavra, mas há também um acento “tonal”, quer dizer, melódico. Para entender, basta dizer o nome de Homero utilizando para as duas primeiras sílabas, respectivamente, as notas *sol* e *lá*.

Passemos, pois, a outra questão: o que ocorreu entre a época de Pisístrato, por volta de 560 a. C., e a primeira edição do texto em 1488? Para os gregos, Homero era o poeta por excelência, assim como a Bíblia é o livro dos judeus e dos cristãos, e como Dante, autor da *Divina comédia*, é o

poeta dos italianos de ontem e de hoje. Os jovens gregos aprendiam a ler com Homero. O texto era apresentado sob a forma de rolos — em latim, *volumina* (daí o termo “volume”) —, pouco cômodos de manusear. Por isso, utilizavam-se, com freqüência, os serviços de um escravo. Ao lado do texto de Homero, havia felizmente a imagem de Homero, a dos vasos e esculturas.

Os *volumina* podiam ser feitos de papiro ou de pergaminho (pele de carneiro curtida e preparada). Como a *Iliada* e a *Odisséia* são a base da cultura ocidental, bem cedo surgiu a preocupação de estudá-las de maneira crítica, de ter certeza de que o texto era de fato autêntico. Após as conquistas de Alexandre (morto na Babilônia em 323 a. C.), o grego se tornou a língua de cultura do Mediterrâneo e do Oriente, e surgiram escolas importantes por toda parte, especialmente em Alexandria, capital dos soberanos gregos do Egito, e também em Pérgamo, na Ásia Menor. Não temos as edições preparadas pelos eruditos daquele tempo, mas muitas de suas observações estão registradas em comentários mais tardios, especialmente os de Eustácio, arcebispo de Tessalônica no século XII da nossa era. Podia-se ser cristão e apaixonar-se por Homero em Bizâncio, mas isso não ocorria, na mesma época, no Ocidente.

Nenhum rolo de papiro resistiu intacto ao tempo; apenas fragmentos foram encontrados, os mais antigos (os dos desertos do Egito) remontando ao século III a. C. No entanto, uma invenção capital permitiu salvar uma parte da literatura grega: ao rolo sucedeu o *codex*, isto é, o livro em forma de brochura, tal como o conhecemos hoje. A partir do século III d. C., essa invenção se difunde pela bacia do

Mediterrâneo, àquela altura já unificada pelo Império Romano.

No entanto, é preciso lembrar que os nossos manuscritos são bem posteriores a esses fatos, já que datam apenas do século X em diante. Eles são obras dos ateliês do Império Bizantino (cuja capital era Constantinopla, anteriormente chamada de Bizâncio) — quer dizer, do Império Romano do Oriente —, Estado que, depois de ter sido reduzido territorialmente pelas invasões persas, árabes e turcas, desaparece em 1453, data em que Constantinopla cai nas mãos do sultão Maomé II. Este último era, aliás, grande admirador de Homero, identificando-se entretanto mais com os troianos do que com os gregos.

E no Ocidente? Após a queda do Império Romano, o número de pessoas que sabiam ler grego se reduziu pouco a pouco até tornar-se ínfimo, com uma curiosa exceção: os monges irlandeses. Apesar disso, as relações com o Império do Oriente não desapareceram completamente. É o caso de Veneza, especialmente, onde sempre existiu uma comunidade grega. No século XIV, o grande poeta italiano Petrarca tinha, à sua disposição, um Homero manuscrito que, para seu grande desespero, ele era incapaz de ler. Dois séculos mais tarde, contudo, o poeta francês Ronsard escrevia: “Quero ler a *Iliada* de Homero em três dias” — ler em grego, bem entendido. Os humanistas, eruditos como o bizantino Bessarion ou o florentino Marsilio Ficino, haviam preparado o caminho. Quem leu *Une histoire de la Renaissance*, de Jean Delumeau, entende o que eu quero dizer.

No momento em que se começou a utilizar a imprensa, as cópias manuscritas de textos gregos não foram inter-

rompidas. Se ainda se dizia de certos escritores que eles escreviam como “anjos”, não é porque imitassem os seres celestes, mas porque, sem o saber, escreviam tão bem quanto o cretense Ângelo Vergécio, que, no que diz respeito aos manuscritos gregos, foi o copista favorito de Francisco I, coroado rei da França em 1515, pouco antes de vencer a batalha de Marignan.

## 2. A história e a geografia

A guerra de Tróia realmente aconteceu? Os gregos da época clássica (500-323 a. C.) e mesmo da época helenística (331-23 a. C.) e romana não tinham dúvida alguma com relação à localização de Tróia — que eles chamavam também, como Homero o faz, de Ílion. Era perto do lugar no qual se erguia, desde o século VIII, uma cidade grega que mais tarde entrou para o patrimônio romano. Nós a conhecemos por descrições, inscrições, testemunhos arqueológicos e moedas. Segundo Estrabão, geógrafo contemporâneo de Virgílio e de Augusto (século I a. C.), a Tróia de Homero situava-se apenas a alguns quilômetros daquele ponto. O túmulo de Aquiles e até mesmo um santuário consagrado a Heitor costumavam ser mostrados aos viajantes. Na época helenística, havia ainda um curioso costume: contava-se que Cassandra, filha de Príamo, rei de Tróia, fora molestada, junto ao altar de Atena, por um grego de Lócride chamado Ajax, filho de Oileu, e que, como penalidade, os habitantes

da sua cidade (situada na margem norte do golfo de Corinto) deviam enviar todo ano duas jovens a fim de servirem de escravas para Atena Ília, a divindade ofendida. O grande historiador italiano Arnaldo Momigliano dizia com humor que essa prática era a única prova da guerra de Tróia.

A Ásia Menor acabou por se tornar turca, e a colina sobre a qual se encontrava Ílion recebeu o nome de Hissarlik. Heinrich Schliemann, um comerciante alemão rico e entusiasta, que se tornara americano após vender índigo na Rússia, decidiu resolver essa questão por meio de escavações arqueológicas. Após três anos, no dia 14 de julho de 1873, na véspera do encerramento dos trabalhos, ele descobriu um objeto de ouro e, depois, diversos outros artefatos, igualmente de ouro: diademas, brincos, anéis e braceletes. Era o "Tesouro de Príamo". Um pouco mais tarde, Schliemann adornou sua esposa grega com as "jóias de Hécuba", as quais aparentemente os aqueus haviam esquecido de carregar. Sophia Schliemann deu à luz uma Andrômaca em 1871 e um Agamêmnon em 1878. Assim se reconciliavam os adversários que, na guerra de Tróia, tinham se enfrentado. Quanto ao tesouro de Príamo, ou de Hécuba, ele permaneceu por um tempo em Berlim. Em 1945, após ter desaparecido, os russos revelaram que essa presa de guerra se encontrava em Moscou. Mas não era de fato o tesouro de Príamo.

A arqueologia progrediu muito depois de Schliemann. Onze "Tróias" se sucederam sobre a colina de Hissarlik, sendo a oitava grega e a décima primeira romana. A Tróia do "Tesouro de Príamo" é a Tróia II, que prosperou nos Dardanelos entre 2500 e 2200 a. C. Um bom milênio antes da guerra de Tróia, segundo a datação dos antigos. A Tróia que

existiu no século XIII ou XII a. C. e que foi destruída pelos homens é aquela que recebeu o nome de Tróia VII A, depois de suas ruínas terem sido minuciosamente examinadas pelos arqueólogos: trata-se de uma cidade de importância medíocre, cujas muralhas não teriam condições de resistir durante dez anos. É difícil imaginar que os aqueus precisassem juntar forças para se apossar daquele sítio pouco impressionante. Tróia VI é mais atraente e tem muros que ainda cumprem, de certo modo, sua função (figura 5). Infelizmente essa cidade, arruinada por um terremoto por volta de 1275 a. C., não pode ter sido destruída no final de um cerco, pois, então, teríamos de nos entregar a contorções intelectuais absurdas, imaginando, por exemplo, que Posídon, o deus do mar que os gregos chamavam de "aquele que agita o solo", teria destruído a cidade e os assaltantes lhe teriam consagrado um ex-voto em forma de cavalo!

É impossível fazer coincidir uma epopéia com uma escavação. É tão razoável buscar a Tróia de Homero em Tróia quanto esperar encontrar a trompa de Rolando em Roncesvales. Se vocês querem fazer uma idéia da Tróia de Homero, não devem ir à colina de Hissarlik. Mesmo o *Guide bleu* da Turquia é obrigado a constatar que o sítio é decepcionante. É melhor ler a *Iliada* ou contemplar uma coleção de vasos gregos nos quais se representaram diversos episódios da guerra legendária.

Enfim, Heinrich Schliemann ainda viria a espantar e maravilhar o mundo. Em 1876 ele descobre em Micenas, a nordeste do Peloponeso, um conjunto de tumbas reais em forma de fossos. Num dos esqueletos havia uma máscara de ouro que o pesquisador atribuiu de imediato a Agamêm-

non. Logo a seguir, telegrafou ao rei Jorge I da Grécia para informá-lo de que identificara a tumba do seu lendário predecessor.

Assim como em Tróia, as pesquisas que se sucederam por mais de um século — não apenas em Micenas mas também em muitos outros sítios do Peloponeso, da Grécia central, e ainda de Creta e das ilhas — vieram a complicar esse quadro.

Como a evolução histórica dessas regiões é retratada hoje em dia? Admite-se que, no fim do terceiro milênio antes da era cristã, entre 2200 e 2000, uma nova população tenha invadido a Grécia. Essa população fala uma língua que, com o tempo, se transformaria no grego. Sofrendo a influência da civilização minóica, que se desenvolvera anteriormente em Creta, ela cria uma cultura cujos vestígios materiais remontam a 1600 a. C. aproximadamente. Fortalezas são construídas, tumbas reais são cavadas — as que Schliemann descobriu —, e aparece uma variedade de objetos de arte: afrescos, cerâmica, objetos de bronze e de ouro. Trata-se de uma civilização militar que contrasta com Creta, onde as cidades e os palácios não são fortificados. Por volta de 1300 aparecem as tumbas reais monumentais, em forma de colméia, como, por exemplo, o “Tesouro de Atreu” em Micenas, tumbas que podem ser encontradas numa boa parte da Grécia, inclusive em Cefalônia, no reino de Ulisses. Os autores modernos se viram frequentemente tentados a identificar as tumbas reais com uma nova dinastia, a dos átridas, cujo personagem mais conhecido é Agamêmnon, o chefe da expedição de Tróia, segundo a *Iliada* e a *Odisséia*.

Essa civilização (que foi batizada de “micênica”) desapareceu por volta de 1200 a. C., no momento da grande crise que sacudiu o Mediterrâneo oriental e que é chamada, nos documentos egípcios, de invasão dos “povos do mar.” Assim, por exemplo, desembarcam, no território que viria a ser a Palestina, bandos de homens vindos, ao que parece, de Creta e que são conhecidos como filisteus.

Quando digo que essa civilização “desapareceu”, não me refiro aos homens, mas sim a todas as estruturas econômicas e sociais. No centro de cada um dos sítios da civilização micênica, havia um palácio governado por um soberano (em grego *anax*), assistido talvez por um chefe dos guerreiros. O soberano exercia uma autoridade absoluta, inclusive no domínio religioso. Ele controlava os recursos agrícolas e o conjunto do rebanho de uma região e tinha, à sua disposição, armas e carros de guerra. Essas estruturas eram frágeis porque careciam dos recursos espaciais e hidráulicos que haviam permitido à civilização egípcia durar por vários milênios. É o que demonstra, por exemplo, o caráter monumental das tumbas de Micenas, que evocam mais as pirâmides do Egito do que as necrópoles da Grécia arcaica e clássica. Somente no século IV antes da era cristã é que reaparecerão, em regiões distantes das principais cidades gregas, os monumentos funerários de grande extensão: em Halicarnasso, na Ásia Menor, com o túmulo do rei Mausolo (o “mausoléu”), e na Macedônia, com a necrópole real de Vergina.

É esse mundo micênico que Homero descreve? A Tróia de Príamo, a Pilo de Nestor, a Esparta de Menelau, a Micenas de Agamêmnon, a Ítaca de Ulisses, por fim, são todas elas realidades históricas do segundo milênio? Nem todos os eruditos estão de acordo quanto a esse ponto. Por isso darei a minha opinião da forma mais clara possível.

26

Tomemos o exemplo da *Canção de Rolando*. Não há dúvida de que o seu autor (que se chamava provavelmente Turoldo e sobre o qual não sabemos nada) acreditava estar descrevendo o tempo de Carlos Magno. A realidade é inteiramente outra, e os seus guerreiros estão bem mais próximos dos guerreiros do mundo feudal. Além disso, há bastante campo deixado para o imaginário.

Sem dúvida Homero, autor dos dois poemas épicos, quisera pintar uma sociedade muito antiga. A grande maioria dos lugares que evoca se situa na Grécia propriamente dita ou nas ilhas, incluindo Creta, que, para ele, é um mundo à parte, bem complexo. Esses lugares correspondem, com frequência, a localidades onde os arqueólogos identificaram sítios “micênicos”. Alguns chegaram a sustentar que o “Catálogo dos barcos”, no canto II da *Ilíada*, era uma espécie de quadro geográfico do mundo micênico, o que é bastante duvidoso. O que é notável constatar é que a Grécia asiática, de onde Homero era originário, está praticamente ausente da *Ilíada*. O vale do Caístro só figura numa única imagem, aliás magnífica:

Tal como se vêem, nas campinas da Ásia, às margens do Caístro, pássaros alados, gansos ou cisnes de longo pescoço, em bandos numerosos, voar para todos os lados, batendo altivamente as asas, uns à frente dos outros e, depois, pouso, com alarido, fazendo todo o prado ressoar.

Mileto, o vale do Meandro e o monte Mícale — que se pode avistar a partir do litoral de Samos como se fosse o frontão de um templo — estão de fato presentes no canto

II da *Ilíada*, mas apenas como um país cário, cujos combatentes se situam no campo troiano. A ilha de Samos é uma simples referência geográfica relacionada com Íris, mensageira dos deuses, e um local de venda de prisioneiros como escravos. Esmirna e Quios estão ausentes da geografia homérica.

Mas o fato de Homero ter desejado evocar a Grécia micênica não significa que ele a tenha efetivamente descrito. Para começar está faltando, entre outras coisas, a escrita dos escribas e toda a sociedade que ela implica: sociedade dominada pelo palácio do rei. Evidentemente Agamêmnon é o rei dos reis, e Ulisses é o rei de Ítaca e de algumas ilhas que a cercam, mas eles não são soberanos absolutos. Agamêmnon não toma decisão sem reunir a assembléia dos guerreiros e o conselho dos reis. Da mesma forma, Alcínoo, rei dos feaces, e Príamo convocam os seus aliados. Pode-se falar, do lado aqueu, de uma sociedade? Temos apenas o quadro de um exército em campanha, do qual as mulheres e as crianças estão longe — como, por exemplo, Telêmaco, filho de Ulisses, mencionado duas vezes na *Ilíada* mas que terá um papel capital na *Odisséia*. Do lado aqueu, ainda, um único velho: Nestor; os outros, como Peleu, pai de Aquiles, e Laertes, pai de Ulisses, estão longe. Um exército coberto de bronze — o que, na época de Homero, homem da Idade do Ferro, tinha um sabor exótico —, mas um exército completamente imaginário, assim como o muro construído pelos aqueus para proteger os seus barcos (que Homero tem o cuidado de informar que veio a desaparecer inteiramente). Quanto aos camponeses, eles de fato existem na *Ilíada*, mas unicamente nas comparações. Homero nada diz, na *Ilíada*,

acerca do tempo, com exceção das comparações ou, como no canto XII do mesmo poema, de uma narrativa que se situa fora do tempo; e se o Escamandro transborda, no canto XXI, não é porque esteja chovendo, mas porque o rio tenta afogar Aquiles. Mais uma vez, são as comparações e não o relato épico que abrem uma janela para o mundo "real".

Entretanto, segundo os arqueólogos, alguns objetos descritos por Homero já haviam desaparecido completamente na época em que ele compôs seus poemas. O exemplo mais notável é o do capacete que o cretense Meríones, no canto X da *Iliada*, coloca sobre a cabeça de Ulisses.

Põe-lhe, na cabeça, um capacete recortado no couro de um boi. No interior, ele é sustentado por múltiplas correias. No exterior, estão colocadas, em grande número e com excelente arte, as presas alvas e luzentes de um javali.

Objetos assim foram encontrados nas escavações de monumentos da era micênica, sob a forma de capacetes ou de modelos reduzidos. O poeta teria visto tais objetos? Não esqueçamos que ele ressalta a sua antiguidade, uma vez que, segundo o texto, quatro personagens, antes de Meríones, já o haviam usado. É difícil saber. Outra explicação, evidentemente, é que ele soubesse de sua existência por tradição oral. Mas essa não é uma hipótese que se possa formular com frequência. No canto XVIII da *Iliada*, Homero descreve longamente o escudo que o deus ferreiro Hefesto fabricou para Aquiles. Nenhum objeto desse gênero — no qual se vêem, ao mesmo tempo, o mundo inteiro e duas cidades bastante diferentes — jamais existiu, e seria vão imaginar que Homero tenha se inspirado num modelo.

O caso da *Odisséia* suscita problemas mais complexos. Desde a Antiguidade, identificou-se a ilha dos feaces à Cór-cira, hoje Corfu, nas ilhas jônias, a oeste da Grécia. Em 1797, quando Napoleão Bonaparte se apossou de Corfu, que pertencia então à República de Veneza, observou que "a ilha de Cór-cira foi, segundo Homero, a pátria da princesa Nausí-caa" e que o bispo da ilha, ao receber o oficial francês que comandava as tropas de desembarque, entregou-lhe, solenemente, um exemplar da *Odisséia*.

Desde a Antiguidade também, as etapas da viagem de Ulisses entre Tróia e a ilha dos feaces eram consideradas lendárias. E o que se pensa hoje? Esforços enormes foram realizados por inúmeros estudiosos para identificar até mesmo o menor rochedo encontrado por Ulisses entre Tróia e Ítaca, na sua viagem de retorno. Um erudito francês, Victor Bérard (que foi também um político), traduziu a *Odisséia* e se esforçou por demonstrar que, por trás dessa obra, revelava-se um documento de origem fenícia — os fenícios habitavam o litoral do atual Líbano — e que cada etapa da viagem correspondia a uma localidade assinalada no mapa. O resultado mais concreto dessa pesquisa foi uma coleção de fotos que nos dão a conhecer numerosos sítios do Mediterrâneo dignos de serem admirados, mas que nem Ulisses, nem Homero, o poeta da *Odisséia*, jamais visitaram.

O que complica ainda mais as coisas é que há, na *Odisséia*, diversas narrativas diretas de viagens — quando o próprio poeta as relata — e indiretas, quando um personagem toma a palavra. Diretas são as viagens do próprio Ulisses entre a ilha de Calipso e a dos feaces e, depois, entre esta última e Ítaca. Direta também é a viagem de seu filho Telêma-

co desde Ítaca até Pilo e Lacedemônia, com retorno a Ítaca. Indireta é a narrativa que Ulisses faz, na casa de Alcínoo, de suas viagens entre Tróia e a ilha de Calipso, à qual podemos acrescentar o relato, por parte de Menelau, de sua viagem ao Egito, onde o mago Proteu lhe informa o destino de Ulisses e onde também lhe é revelado o sinistro destino de Agamêmnon — assassinado por sua esposa e pelo amante desta, Egisto —, bem como o de Ajax, filho de Oileu, precipitado no mar por Posídon. Podemos acrescentar ainda os relatos, teoricamente falsos, de um Ulisses transformado em cretense que conta a Eumeu, o guardador de porcos de Ítaca, suas aventuras em Creta, na Trôade, no Egito, na Líbia e no Épiro — relatos repetidos por Ulisses disfarçado a Penélope. E isso sem falar de Eumeu, que tem as suas próprias aventuras nas quais os fenícios desempenham um papel importante.

Assim como não é historiador, Homero também não é geógrafo, mesmo se consideráveis esforços continuam a ser feitos nos nossos dias, a exemplo do que também ocorreu na Antiguidade, no sentido de reconstituir o mundo tal qual ele o imagina. São raras as indicações topográficas na *Odisseia*. Ainda assim, o país dos mortos está situado no norte, terra do frio, o que é bastante natural para um autor mediterrâneo.

Não é levantando esse tipo de questão que se pode, penso eu, explicar a *Odisseia*. Existe efetivamente um mundo que, aos olhos de Homero, é um mundo real. O indício que denota a “realidade” desse mundo é o fato de que os homens cultivam a terra e que esta produz trigo para fazer pão. Bem entendido, Ítaca pertence ao mundo dos homens. A imensa maioria dos eruditos identifica-a à ilha jônia de Thiaki,

cujo nome oficial é justamente Ítaca. Aí se encontrou um antigo culto do herói Ulisses e também se descobriu uma gruta onde haviam sido conservados numerosos tripés de bronze. No entanto, os habitantes de uma ilha vizinha, de nome Cefalônia, que segundo Homero fazia parte do reino de Ulisses, têm feito uma campanha encarniçada para convencer-nos de que só a ilha deles, em virtude de seu tamanho, paisagens e beleza, é digna de ter sido a Ítaca de Homero.

Telêmaco só viaja num mundo “real”. De Ítaca, ele ganha Pilo, onde reina o velho Nestor; depois Esparta, reinado de Menelau e da sempre bela rainha Helena. Menelau e Helena ficaram retidos no Egito durante a viagem de retorno. Esse país é bastante “real”, já que a sua terra também produz trigo, mas é, além disso, um lugar mágico. Menelau consulta o feiticeiro Proteu, e Helena consegue um remédio perfeito para a insônia. Quando Ulisses, fingindo ser cretense, relata as diversas provas por que passou em Creta, na Trôade, no Egito e no Épiro, ele se inspira no mínimo, evidentemente, num mundo “real”.

No mundo das viagens narradas por Ulisses em terra feácia, haverá um pouco do que o poeta Jacques Prévert chamava de “os terríficos percalços da realidade”? O ponto de partida, Tróia, é imaginado como “real”, da mesma forma que o povo dos cícones, na Trácia, contra o qual Ulisses se bate e de quem obtém o vinho que embriagará o ciclope Polifemo. Depois Ulisses costeia o litoral da Grécia oriental. Após o cabo Málea, no extremo sul do Peloponeso, enfrenta uma tempestade e passa ao largo da ilha de Citera. Só após dez dias de borrasca é que entra num mundo totalmente diferente, o da fábula, o do não-humano.

A cultura do trigo é um critério absoluto. Se tomarmos as duas outras plantas que fazem parte da chamada “trilogia mediterrânica” — a vinha e a oliveira —, constataremos que elas podem estar presentes no mundo selvagem, o que não ocorre com o trigo. As etapas das viagens de Ulisses nos permitem verificar que ele encontra ora personagens superiores à humanidade viva e mortal, ora próximos da humanidade, ora finalmente além dela.

Além das sereias, cujo canto mortal já mencionei, há outras deusas, como Circe e Calipso, que receberam Ulisses no seu leito. Circe é uma maga que transforma os companheiros de Ulisses em porcos (figura 32). Avisado pelo deus Hermes, Ulisses evita esse desastre, recupera os seus camaradas e consegue que a deusa lhe dê conselhos de viagem bem úteis (figura 31). Quanto a Calipso, ela lhe oferece, além do seu leito, o que se poderia chamar de “naturalização divina”. Ulisses recusa, preferindo permanecer humano e reencontrar Penélope. É essa opção pela humanidade que dá significado ao poema. Uma única divindade é masculina: Éolo, senhor dos ventos, que os encerra num odre, o qual, por uma imprudência fatal dos companheiros de Ulisses, é aberto nas proximidades de Ítaca. Éolo é casado: tem seis filhos e seis filhas. Cada filho homem é casado com a irmã. Entre os homens isso é considerado incesto, mas os deuses não têm tais limitações.)

→ Imortais são também as vacas do Sol, animais divinos que os companheiros de Ulisses cortam em pedaços e cozinham. Eles pagarão esse crime com a própria vida, e só Ulisses sobreviverá.

Após a tempestade, Ulisses desembarca na terra dos co-

medores de *lotós*, os lotófagos. Trata-se de um fruto que faz perder a memória e o desejo de voltar ao lar. A memória é apanágio dos homens, e Ulisses se abstém de comer *lotós*.

O ciclope Polifemo é um canibal, comedor de homens. Ele devora vários dos companheiros de Ulisses inteiramente crus e é vencido somente pela embriaguez. Sabe-se que Polifemo é um monstro de um olho só, mas, mais do que isso, faz parte de um povo que não conhece nem a agricultura nem a vida em sociedade. Os ciclopes são criadores de animais, nômades, pastores. Já os lestrígones, canibais também, são pescadores que capturam os companheiros de Ulisses da mesma forma que os pescadores gregos, italianos ou árabes pegam atum nas redes de uma almadrava. Mencionemos finalmente *Caribde* e *Cila*, que muito cedo vieram a simbolizar o estreito de Messina, entre a Sicília e a Calábria, ou seja, a ponta da bota italiana, onde ainda hoje existe uma cidade de nome Scilla. São elas também seres monstruosos que não hesitam em devorar homens quando a ocasião se apresenta.

↪ Ao lado da humanidade viva, há os mortos aos quais Ulisses tem acesso sacrificando uma ovelha negra. Os mortos não comem pão, mas bebem sangue. Ulisses encontra, no país dos mortos, o adivinho Tirésias, que lhe anuncia suas futuras viagens, a sombra impalpável de sua mãe e também as dos seus companheiros de combate, bem como as de uma série de mulheres ilustres. É sem dúvida o momento da viagem em que o herói está mais afastado da humanidade, já que o sacrifício realizado o distanciou da vida.)

Entre os deuses, os monstros, os mortos e a terra dos homens “comedores de pão”, há personagens intermediários

como os habitantes da ilha dos feaces. Por um lado são homens, já que conhecem a vide, a oliveira e o cultivo do trigo, mas, por outro, costumam receber visitas dos deuses e foram outrora vizinhos dos ciclopes. São navegadores profissionais, porém fingem desprezar os comerciantes. Vivem perpetuamente em festa, da mesma forma que os pretendentes instalados em Ítaca, no palácio de Ulisses.

Inicialmente, Ulisses foi retratado como navegador. É assim que o vê Dante no *Inferno*, e também o escritor grego Kazantzakis, na continuação que elaborou para a *Odisseia*. Os habitantes gregos ou bárbaros da Itália bem cedo fizeram de Ulisses um de seus heróis. Ele tem, por exemplo, um papel muito importante entre os etruscos, povo que ocupava a área que hoje chamamos Toscana. Em resumo: Ulisses é considerado um intermediário, e isso ele deve àqueles que nos transmitiram os contos e as lendas da *Odisséia*. Ora, quanto ao Ulisses de Homero, ele só navega e explora forçado. Num determinado momento, o adivinho Tirésias lhe anuncia, nos Infernos, que ele encontrará a morte — uma morte longe do mar, uma morte tranqüila — quando, após uma última aventura, um viajante, ao encontrá-lo numa estrada, tomar o remo que ele estará carregando ao ombro por uma peneira de joeirar trigo. Está aí o símbolo de que o seu destino se vincula não exatamente ao mar, mas sim à terra “que dá o trigo”.

### 3. Gregos e troianos

No século v a. C., que se convencionou chamar de época clássica (a que é simbolizada pelos monumentos da Acrópole de Atenas), os homens costumavam ser divididos em duas categorias: os gregos, chamados de helenos — ainda hoje o nome que prevalece na Grécia —, e os bárbaros. A palavra “bárbaro” tem certamente uma conotação pejorativa, mas o seu sentido inicial significa simplesmente “aquele que não fala o grego e que parece estar balbuciando”. Não se trata de uma oposição de “raças”. Muitos gregos escreveram: torna-se grego pela educação, a *paidéia*, e não pelo nascimento. A Grécia *se fez* Grécia. É o que Tucídides explica já no início da sua obra-prima, *História da guerra do Peloponeso*.

Essa oposição entre gregos e bárbaros aparece ao longo das *Histórias* de Heródoto, o historiador que precedeu Tucídides. Heródoto desejava saber de onde vinha o conflito entre gregos e persas — o que nós chamamos de guerras médicas — e, entre os antecedentes desse conflito, incluiu o

rapto de Helena por Páris, episódio que desencadeou a guerra de Tróia. Portanto, para ele, os troianos são bárbaros, e o mesmo ocorre com relação aos grandes poetas trágicos do século v: Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. Tróia é, para eles, uma cidade bárbara, ainda que Eurípedes se questione, claramente, sobre o valor dessa oposição.

E quanto a Homero? Tucídides já havia observado que, na *Iliada*, Hélade não é o nome genérico do que nós chamamos Grécia. Hélade é o nome de uma parte da Tessália, na área central da Grécia continental, e, no “Catálogo dos barcos”, no canto II da *Iliada*, é, junto com a Ftia (o país dos mirmídones), a região de onde vêm os guerreiros comandados por Aquiles, “o melhor dos guerreiros”. Quando Homero quer se referir aos que sitiam Tróia, emprega indiferentemente, ao que parece, três termos: aqueus, dânaos (descendentes de um dos reis míticos que criaram a Grécia) ou argivos. Argos é uma cidade ao norte do Peloponeso, é domínio de Agamêmnon, sem ser verdadeiramente distinta de Mícnas (da qual está distante apenas uns oito quilômetros). Mas houve outras Argos, na Grécia setentrional, e a palavra significa provavelmente “planície bem visível”. Os aqueus, em época clássica, eram os habitantes de uma parte do Peloponeso, mas há menção a eles, ao que parece, em documentos hititas da Ásia Menor, no final do segundo milênio.

Lo que acabei de dizer sobre os helenos e a Hélade só vale para a *Iliada*. O termo Hélade na *Odisséia* já está próximo de seu sentido clássico, o que é uma prova suplementar do seu caráter tardio e de que, na sua elaboração, há a mão de um outro poeta.

E os troianos? Para o poeta da *Iliada* eles são “bárba-

ros”? Na verdade, essa palavra é desconhecida de Homero. Mais exatamente, quando trata dos cários de Míleto — quer dizer, os vizinhos bem próximos dos jônios —, ele os chama de “barbarófonos”. Se assim posso dizer, é o jônio que fala dessa forma, e não o aqueu, o qual ocupa, no seu texto, um lugar de protagonista. Nada mais natural. O “bárbaro” é sempre o vizinho que não fala a nossa língua. Os russos, por exemplo, chamam os seus vizinhos alemães de “mudos”, isto é, aqueles que não falam russo.

Troianos e aqueus não se diferenciam mais claramente do que, por exemplo, os cristãos e os sarracenos da *Canção de Rolando*. Veneram os mesmos deuses e lhes fazem sacrifícios. Há um santuário de Atena em Tróia, apesar de essa deusa ser totalmente hostil aos troianos. Não há, entre aqueus e troianos, o menor problema de comunicação, a menor alusão ao fato de que eles não poderiam falar a mesma língua. Com certeza isso decorre das convenções do gênero épico. No fim das contas, também Polifemo, na *Odisséia*, fala grego.

Heitor não era, absolutamente, nos tempos posteriores a Homero, o nome de um bárbaro. Sem dúvida alguma, um Heitor foi rei em Quios. Havia um culto de Heitor em Tebas e, em Taso, ilha vizinha das costas da Trácia, uma circunscrição da cidade levava o nome de “Priâmides”, o que espantou o arqueólogo que descobriu a sua existência numa inscrição lapidar.

No canto IV da *Iliada* há uma passagem acerca do exército troiano:

Nem todos têm o mesmo sotaque ou idioma semelhante: as línguas se misturam; é gente vinda de países diversos.

Mas Homero toma o cuidado de distinguir os troianos propriamente ditos de seus aliados. Isso ocorre, por exemplo, no canto x:

Nossos ilustres aliados, diz o troiano Dólón, dormem; no que diz respeito à guarda, fiam-se nos troianos; é porque não têm crianças nem mulheres vivendo ao lado deles.

Aí está, efetivamente, a maior diferença. Os troianos formam aquilo que se chama cidade: homens, mulheres, velhos, crianças. As mulheres são — nem todas — esposas legítimas. Assim, Andrômaca com Heitor, Hécuba com Príamo. Nos leitos dos aqueus só dormem concubinas. Para um período de dez anos de sítio, Homero não faz alusão ao nascimento de uma única criança. Quando Pátroclo morre, Briseida, companheira de Aquiles, explica de maneira tocante (embora o poeta tenha posto nessa passagem um pouco de humor) que o jovem lhe havia prometido

fazer dela a esposa legítima do divino Aquiles, o qual a levaria a bordo de sua nau para a Ftia, onde seriam celebradas as bodas na presença dos mirmídones.

Essas núpcias, que implicavam o retorno de Aquiles ao seu país, não aconteceram, tampouco foram realizadas as bodas do mesmo Aquiles com Ifigênia, filha de Agamêmnon e Clitemnestra. O pai prometera Ifigênia ao herói em troca do retorno deste à luta.

As bodas são, também, para Homero, uma ocasião de praticar o que se poderia chamar de humor negro. No can-

to III, Idomeneu, cretense já idoso, mata Otrioneu, que fora socorrer Tróia com a esperança de desposar Cassandra, filha de Príamo, “a primeira em beleza”. Triunfante, Idomeneu carrega o cadáver, proclamando que o noivo de Cassandra vai então casar-se com uma filha de Agamêmnon, ela também “a primeira em beleza”.

Entre os dânaos e os que combatem por Tróia, as relações, sobre um pano de fundo de guerra de aniquilamento, podem ter momentos de cortesia. É o que se passa no canto VI quando se encontram Diomedes e Glauco, originário da Lícia. Os dois homens comparam as suas genealogias e descobrem que são hóspedes hereditários um do outro. Essa relação de hospitalidade recíproca é tão forte quanto uma relação de parentesco. Os dois homens permutam as suas armaduras, mas, aqui novamente, Homero mostra o seu humor e a sua ironia:

Mas, nesse momento, Zeus, filho de Crono, retira também de Glauco a razão já que, ao cambiar as suas armas com Diomedes, o filho de Tideu, ele lhe dá ouro em troca de bronze — o valor de cem bois contra o de nove!

Heitor e Ájax também permutam presentes, mas em condições mais eqüitativas.

A imparcialidade de Homero em relação aos heróis dos dois campos que se defrontam é total? Trata-se de uma questão difícil. Alguns leitores acham até que o poeta é mais favorável aos troianos do que aos aqueus. É a resposta instintiva da maioria dos leitores modernos. Um crítico britânico chegou mesmo a sugerir, há um século, que Homero deve

ter sido troiano ou, pelo menos, filho de uma troiana. Nada é mais comovente para nós, leitores modernos, do que os encontros entre Heitor e Andrômaca, o doce diálogo do canto VI, na presença do filho Astíanax, e o desespero da viúva no canto XXII. Indigna-se o leitor moderno ao constatar que Aquiles mata Heitor com o auxílio de Atena, que não hesita em tomar a aparência do irmão de Heitor para conduzi-lo, mais rapidamente, à morte. Mas esquece que, quando Heitor mata Pátroclo, isso é feito com o concurso direto de uma outra divindade, Apolo em pessoa (figura 15).

Finalmente, como esquecer que a *Iliada* termina com os funerais de Heitor, depois que Príamo suplica a Aquiles a devolução do corpo de seu filho (figura 20)?

Lembra-te de teu pai, ó Aquiles igual aos deuses...

Tanto os aqueus como os troianos são, igualmente, heróis mortais, heróis que sabem que são destinados à morte. Assim, no canto VI, Glauco, lício a serviço de Tróia, questionado por Diomedes sobre a sua genealogia, lhe responde:

Magnânimo filho de Tideu, por que me perguntas sobre o meu nascimento? Assim como nascem as folhas, assim fazem os homens. As folhas, uma a uma, o vento as espalha pelo solo, enquanto é a floresta verdejante que as faz nascer, quando chegam os dias de primavera. Da mesma forma os homens: uma geração nasce no instante mesmo em que outra se apaga.

Todos os homens são mortais, inclusive os filhos de divindades como, por exemplo, Enéias, filho de Afrodite, e Sarpédon, filho de Zeus; e do lado grego, Aquiles, filho de Tétis. Todos os homens são mortais, inclusive, bem entendido, Heitor, o qual, segundo Posídon, gaba-se de ser “o filho de Zeus, o forte”, mas isso não quer dizer que todos os homens sejam iguais, muito pelo contrário. Isso vale para os dois campos, e eu voltarei ao assunto.

Como Tróia se distingue dos sitiantes? Ela tem, aos olhos dos gregos, alguns traços orientais: a presença abundante do ouro na cidade, por exemplo, e também nos adornos dos guerreiros aliados de Tróia. Já vimos o caso de Glauco, mas o de Reso, rei trácio, é mais notável ainda:

Seu carro é ornado de ouro e de prata. Chegou aqui trazendo armas de ouro gigantescas. Tão maravilhosas que parecem apropriadas para deuses e não para simples mortais.

Um dos aliados de Tróia, no final do canto II, “marcha para o combate coberto de ouro, como uma moça”; o comentário é sarcástico:

Pobre tolo! O ouro não afastará dele a morte cruel: cairá perto do rio sob os golpes do Eácida de pés ligeiros [Aquiles] e será o belicoso Aquiles quem ganhará todo esse ouro.

Há ouro, certamente, no escudo que Hefesto forjara para Aquiles no canto XVIII, depois que Heitor se apossa de suas armas junto ao cadáver de Pátroclo. Mas não se trata de uma armadura de ouro.

Outro traço característico de Tróia é a presença do palácio de Príamo, o velho rei. Homero mostra Heitor chegando

diante do palácio de Príamo, ornado de pórticos refinados. Lá estão os cinquenta quartos de pedra polida, construídos em seqüência, onde dormem os filhos de Príamo, ao lado de suas legítimas esposas. Do outro lado, em frente, estão os quartos das filhas, doze câmaras de pedra polida, com um teto em forma de terraço, construídas em seqüência, onde dormem os genros de Príamo, ao lado de suas dignas esposas.

Cinquenta filhos e doze filhas. Isso, evidentemente, não tem nenhum sentido “realista”. Príamo possui numerosas esposas, mas os seus filhos são monógamos. Os aqueus não são maridos fiéis, porém, em regra, são monógamos.

Tróia é uma cidade que não conhece a rebelião. Mas pode haver, na *ágora*, lugar de deliberação, certa tensão. No canto XIII, Polídamas, que encarna a prudência diante da loucura guerreira de Heitor, representa também o bom senso do povo diante do tirano. Príamo tem um filho que se chama Polités (Cidadão), e a cidade fica unida até os funerais de Heitor.

No século v, os gregos utilizavam um termo para indicar a divisão no seio da cidade, a palavra *stasis*. Mas Homero não a conhece. Tróia não é uma cidade dividida. E o campo aqueu, onde existem assembléias e conselhos, pode ser considerado uma “cidade” no sentido político do termo? A contestação aparece aí, de forma séria, uma só vez, para ser condenada sem demora. Um guerreiro de nome Tersites “pia como um gaio”, ele que é

o homem mais feio que veio para Tróia. Manco, defeituoso, ainda por cima é corcunda e, no seu crânio pontudo, há muito pouco cabelo.

Não é um retrato lisonjeiro. Mas, nesse canto II, que faz o catálogo dos guerreiros gregos e troianos, é um exemplo quase único de luta de classes. Ele investe contra Agamêmnon:

Ora, vamos, filho de Atreu, de que te queixas? De que ainda tens necessidade? Tuas barracas estão cheias de bronze e de mulheres, presas de qualidade que nós, aqueus, te concedemos, em primeiro lugar, toda vez que uma cidade é tomada. Ou, por acaso, precisas de ouro — do ouro vindo de Ílion trazido por um troiano domador de cavalos para resgatar o filho, capturado e amarrado por mim ou qualquer outro aqueu — ou ainda de uma jovem cativa para saborear o amor nos seus braços e guardá-la somente para ti?

Tersites paga caro essa independência. Ulisses o golpeia, e todos se divertem.

Nada de *stasis*, portanto, no sentido literal da palavra, mas, de qualquer forma, o campo aqueu se vê atravessado por uma querela e pela cólera, a de Aquiles contra Agamêmnon, desde o primeiro canto da *Iliada*. Obrigado por Apolo a entregar ao pai sua cativa e concubina Criseida, Agamêmnon se apossa de Briseida, a companheira de Aquiles. Impedido, por Atena, de matar Agamêmnon, Aquiles se retira da guerra, proclamando que ela não lhe diz mais respeito, que não vê mais a sua necessidade. Assim, se a palavra *sta-*

ter sido troiano ou, pelo menos, filho de uma troiana. Nada é mais comovente para nós, leitores modernos, do que os encontros entre Heitor e Andrômaca, o doce diálogo do canto VI, na presença do filho Astíanax, e o desespero da viúva no canto XXII. Indigna-se o leitor moderno ao constatar que Aquiles mata Heitor com o auxílio de Atena, que não hesita em tomar a aparência do irmão de Heitor para conduzi-lo, mais rapidamente, à morte. Mas esquece que, quando Heitor mata Pátroclo, isso é feito com o concurso direto de uma outra divindade, Apolo em pessoa (figura 15).

Finalmente, como esquecer que a *Ilíada* termina com os funerais de Heitor, depois que Príamo suplica a Aquiles a devolução do corpo de seu filho (figura 20)?

Lembra-te de teu pai, ó Aquiles igual aos deuses...

Tanto os aqueus como os troianos são, igualmente, heróis mortais, heróis que sabem que são destinados à morte. Assim, no canto VI, Glauco, lício a serviço de Tróia, questionado por Diomedes sobre a sua genealogia, lhe responde:

Magnânimo filho de Tideu, por que me perguntas sobre o meu nascimento? Assim como nascem as folhas, assim fazem os homens. As folhas, uma a uma, o vento as espalha pelo solo, enquanto é a floresta verdejante que as faz nascer, quando chegam os dias de primavera. Da mesma forma os homens: uma geração nasce no instante mesmo em que outra se apaga.

Todos os homens são mortais, inclusive os filhos de divindades como, por exemplo, Enéias, filho de Afrodite, e Sarpédon, filho de Zeus; e do lado grego, Aquiles, filho de Tétis. Todos os homens são mortais, inclusive, bem entendido, Heitor, o qual, segundo Posídon, gaba-se de ser “o filho de Zeus, o forte”, mas isso não quer dizer que todos os homens sejam iguais, muito pelo contrário. Isso vale para os dois campos, e eu voltarei ao assunto.

Como Tróia se distingue dos sitiantes? Ela tem, aos olhos dos gregos, alguns traços orientais: a presença abundante do ouro na cidade, por exemplo, e também nos adornos dos guerreiros aliados de Tróia. Já vimos o caso de Glauco, mas o de Reso, rei trácio, é mais notável ainda:

Seu carro é ornado de ouro e de prata. Chegou aqui trazendo armas de ouro gigantescas. Tão maravilhosas que parecem apropriadas para deuses e não para simples mortais.

Um dos aliados de Tróia, no final do canto II, “marcha para o combate coberto de ouro, como uma moça”; o comentário é sarcástico:

Pobre tolo! O ouro não afastará dele a morte cruel: cairá perto do rio sob os golpes do Eácida de pés ligeiros [Aquiles] e será o belicoso Aquiles quem ganhará todo esse ouro.

Há ouro, certamente, no escudo que Hefesto forjara para Aquiles no canto XVIII, depois que Heitor se apossa de suas armas junto ao cadáver de Pátroclo. Mas não se trata de uma armadura de ouro.

Outro traço característico de Tróia é a presença do palácio de Príamo, o velho rei. Homero mostra Heitor chegando

diante do palácio de Príamo, ornado de pórticos refinados. Lá estão os cinquenta quartos de pedra polida, construídos em seqüência, onde dormem os filhos de Príamo, ao lado de suas legítimas esposas. Do outro lado, em frente, estão os quartos das filhas, doze câmaras de pedra polida, com um teto em forma de terraço, construídas em seqüência, onde dormem os genros de Príamo, ao lado de suas dignas esposas.

Cinquenta filhos e doze filhas. Isso, evidentemente, não tem nenhum sentido “realista”. Príamo possui numerosas esposas, mas os seus filhos são monógamos. Os aqueus não são maridos fiéis, porém, em regra, são monógamos.

Tróia é uma cidade que não conhece a rebelião. Mas pode haver, na *ágora*, lugar de deliberação, certa tensão. No canto XIII, Polídamas, que encarna a prudência diante da loucura guerreira de Heitor, representa também o bom senso do povo diante do tirano. Príamo tem um filho que se chama Polités (Cidadão), e a cidade fica unida até os funerais de Heitor.

No século v, os gregos utilizavam um termo para indicar a divisão no seio da cidade, a palavra *stasis*. Mas Homero não a conhece. Tróia não é uma cidade dividida. E o campo aqueu, onde existem assembléias e conselhos, pode ser considerado uma “cidade” no sentido político do termo? A contestação aparece aí, de forma séria, uma só vez, para ser condenada sem demora. Um guerreiro de nome Tersites “pia como um gaio”, ele que é

o homem mais feio que veio para Tróia. Manco, defeituoso, ainda por cima é corcunda e, no seu crânio pontudo, há muito pouco cabelo.

Não é um retrato lisonjeiro. Mas, nesse canto II, que faz o catálogo dos guerreiros gregos e troianos, é um exemplo quase único de luta de classes. Ele investe contra Agamêmnon:

Ora, vamos, filho de Atreu, de que te queixas? De que ainda tens necessidade? Tuas barracas estão cheias de bronze e de mulheres, presas de qualidade que nós, aqueus, te concedemos, em primeiro lugar, toda vez que uma cidade é tomada. Ou, por acaso, precisas de ouro — do ouro vindo de Ílion trazido por um troiano domador de cavalos para resgatar o filho, capturado e amarrado por mim ou qualquer outro aqueu — ou ainda de uma jovem cativa para saborear o amor nos seus braços e guardá-la somente para ti?

Tersites paga caro essa independência. Ulisses o golpeia, e todos se divertem.

Nada de *stasis*, portanto, no sentido literal da palavra, mas, de qualquer forma, o campo aqueu se vê atravessado por uma querela e pela cólera, a de Aquiles contra Agamêmnon, desde o primeiro canto da *Iliada*. Obrigado por Apolo a entregar ao pai sua cativa e concubina Criseida, Agamêmnon se apossa de Briseida, a companheira de Aquiles. Impedido, por Atena, de matar Agamêmnon, Aquiles se retira da guerra, proclamando que ela não lhe diz mais respeito, que não vê mais a sua necessidade. Assim, se a palavra *sta-*

sis não é homérica, a idéia de guerra civil, de guerra intestina, está bem presente. É contra ela que, no canto IX, argumenta Nestor, o ancião sábio do campo aqueu: "Não, não tem clã, nem lei, nem lar aquele que deseja a guerra intestina, a guerra que gela os corações". E, com um bom conselho, Nestor continua:

Obedecemos à noite negra e preparemos a nossa refeição!

Aquiles volta a esse ponto no canto XVIII:

Morram a cólera e a discórdia!

Graças à morte de Pátroclo, o campo aqueu está agora unido.

Analisemos a oposição entre gregos e troianos por um outro ângulo. Tratando-se da capacidade guerreira e, especialmente, do número de vítimas, não há dúvida de que Heitor só é ultrapassado por Aquiles, mas, no conjunto, os aqueus superam os troianos. As comparações coletivas mostram isto: os aqueus são abelhas, e os troianos são gafanhotos. Procuraríamos em vão, no que diz respeito aos aqueus, uma comparação com carneiros balindo, como a que é feita, no canto IV, em detrimento dos troianos. De modo geral, é a ordem e a eficácia militar que caracterizam os sitiados, enquanto a desordem e o medo estão personificados nos sitiados. Poder-se-ia acrescentar que muitos troianos dirigem súplicas a seus adversários vencedores. É o caso de Heitor diante de Aquiles ou de Príamo quando reclama o corpo do filho (figura 20).

Mas existe, entre aqueus e troianos, uma diferença muito mais grave, muito mais fundamental, e que será, na Atenas do século V, um dos temas da tragédia. Alguns aqueus morrem, outros sabem que estão destinados à morte. É o caso de Aquiles, que teve de escolher entre uma vida longa e obscura e uma vida breve e heróica. Inversamente, observa-se, entre os troianos, uma consciência aguda de que a desgraça será coletiva, de que Tróia está destinada ao desaparecimento e de que, de alguma maneira, ela já incorporou a morte. Agamêmnon é o primeiro a proclamar, no canto IV:

Não tenho nenhuma dúvida, tanto na alma como no coração: chegará o dia em que ela sucumbirá, a santa Ílion, e também Príamo e o seu povo diante de nossas lanças.

Porém é o próprio Heitor quem repete esses versos no canto VI, na cena famosa de seu reencontro com Andrômaca, acrescentando:

Preocupo-me menos com a dor que espreita os troianos, a própria Hécuba e o rei Príamo, ou ainda os meus irmãos, numerosos e bravos, que poderão cair ao solo sob os golpes de nossos inimigos, do que com a tua, quando um aqueu, coberto de bronze, encontrará a ti em prantos e te arrastará para longe, retirando-te a luz e a liberdade. Talvez, então, em Argos, tu tecerás para uma outra; talvez trará água da fonte Messeis ou do Hipereu, sofrendo inúmeros constrangimentos, porque um destino brutal pesará sobre ti. E um dia, vendo-te chorar, os homens dirão: "É a mulher de Hei-

tor, o primeiro em combate entre os troianos quando se lutava em torno de Ílion”.

A *Andrômaca* de Racine, que alguns de meus leitores certamente conhecem, já está em germe nesses versos famosos.

Todo grego, ouvinte ou leitor do poema homérico, sabia que Tróia estava destinada à morte, assim como nós sabemos, quando lemos um relato da batalha de Waterloo, que Napoleão será vencido. Inúmeras imagens ilustravam, nos vasos áticos, o fim de Tróia. No entanto, ninguém exprimiu melhor esse sentimento do inelutável do que o poeta grego Constantino Cavafis, no poema *Troianos*, no início do século xx:\*

São nossos esforços os dos infortunados;  
são nossos esforços como os dos troianos.  
Conseguimos um pouco; um pouco  
levantamos a cabeça; e começamos  
a ter coragem e boas esperanças.  
Mas sempre surge alguma coisa que nos pára.  
Aquiles junto do fosso à nossa frente  
surge e com grandes gritos assusta-nos.  
São nossos esforços como os dos troianos.  
Cuidamos que mudaremos com resolução  
e valor a contrariedade da sorte,  
e estamos cá fora para lutar.  
Mas, quando vier o momento decisivo,

\* Tradução de Joaquim Manuel Magalhães e Nikos Pratsinis, em C. Cavafis, *Poemas e prosas*, Lisboa, Relógio d'Água, 1994, p. 33. (N. T.)

o nosso valor e a nossa resolução perdem-se;  
a nossa alma fica alterada, paralisa;  
e em redor das muralhas corremos  
à procura de nos salvarmos pela fuga.  
Porém a nossa queda é certa. Em cima,  
nas muralhas já começou o pranto.  
Choram pelas memórias e os sentimentos dos nossos dias.  
Amargamente choram por nós Príamo e Hécuba.